

# A Crítica Engessada pelo Positivismo

Jovino Pizzi <sup>1</sup>

## Resumo:

A recusa da crítica foi uma das conseqüências da filosofia positivista no Brasil. Além de certo adiamento ou descaso em relação à filosofia de Husserl, a influência na orientação positivista da educação, do direito e na política confirmou essa suspeita. Na verdade, a influência do positivismo converteu-se em instrumento para aqueles que procuravam justificar um *status quo* coerente com os ideais da “religião universal”.

**Palavras-chave:** Filosofia crítica; positivismo; influência no Brasil.

## Abstract:

The refusal of the critical was one of the positivism philosophy consequences in Brazil. Apart of the postpone or disregard about the Husserl's philosophy, the influence in the positivism orientation in the education, in the law and in the politics has been confirmed this suspect. In fact, the positivism influence was converted in the instrument for those that to justify a status quo according to the “universal religion” ideals.

**Keywords:** Critical philosophy; positivism; influence in Brazil.

Esta reflexão não pretende adentrar-se na definição de positivismo ou buscar um mapeamento de suas diferentes correntes e/ou derivações. O objetivo está em demarcar alguns aspectos que transformam o positivismo em uma corrente filosófica que recusa a crítica, engessa a filosofia. Nessa direção, é possível

afirmar que sua influência no Brasil pode ser comprovada não somente na política e na educação, como também no rechaço da filosofia crítica. Com isso, percebe-se um fechamento às tentativas de uma filosofia comprometida com a transformação da sociedade, ou seja, crítica ao *status quo* e aos padrões definidos como hegemônicos por uma elite filosófica que fundamenta seus princípios nas teses do positivismo.

Como ponto de partida, o trabalho busca as referências críticas na filosofia de Husserl, principalmente na sua última etapa da vida. Todavia, a preocupação central está em salientar como esses princípios positivistas encontram um terreno fértil no Brasil, de forma a recusar qualquer possibilidade de crítica.

## A pertinência da crítica de Husserl

Em sua crítica, Husserl tem como foco a filosofia do final do século XIX e princípios do XX, indicando a derrocada dos grandes sistemas filosóficos tradicionais da Europa. Sua preocupação se volta à transformação da filosofia em ciência empírica, a ponto de afastar-se de seus fundamentos primordiais. Nesse período, o positivismo parece se impor com relativo entusiasmo, a ponto de reduzir o conhecimento à lógica das ciências positivas, cuja afirmação assume a metodologia das ciências naturais. Para ele, é preciso rever a filosofia moderna.

Na América Latina, a receptividade do pensamento de Husserl e da própria fenomenologia encontrou algumas restrições, enquanto ele se volta à

<sup>1</sup> Pesquisador CNPQ, professor da Universidade Católica de Pelotas.

crise da modernidade europeia em um mundo desconcertado. Enquanto Husserl elabora sua proposta, a América Latina ainda busca consolidar sua afirmação, ou seja, a preocupação centra-se em promover as mudanças necessárias para se incorporar ao contexto mundial. Os rumos político-filosóficos da última metade do século XIX e início do XX indicam um contexto latino-americano nada favorável à crítica husserliana e à fenomenologia. Existe, portanto, uma significativa distinção entre o contexto europeu e o latino-americano, o que justifica essa preocupação tão diversificada. Na verdade, parece que são direções distintas ou antagônicas, pois, se, por um lado, quase a totalidade dos países latino-americanos consegue sua independência, por outro, praticamente todos os países ainda permanecem “sob a vigilância” das grandes potências.

A origem do positivismo ocorre na França, no início do século XIX. A partir da metade desse século, ele se alastra aos demais países europeus, a começar pela Inglaterra.<sup>2</sup> Se analisarmos, por exemplo, os vínculos de Portugal entre Inglaterra e as relações com o Brasil, é possível encontrar elementos que evidenciam o controle da filosofia no Brasil. Evidentemente, essa questão necessitaria de um detalhamento maior. O que nos interessa, neste momento, é salientar o “arranjo” realizado no Brasil, no momento da implantação e da consolidação republicana, em que se pode perceber a disputa entre o “liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa, e o positivismo”.<sup>3</sup>

Embora Carvalho diga que a virada do século significa a vitória da primeira corrente, não se deve esquecer que os ideários positivistas conseguem pautar algumas decisões significativas, ou seja, o positivismo permanece vigorante em alguns setores importantes, como a educação, o direito e nas linhas fundamentais do republicanismo brasileiro. Com isso, ele consegue alimentar a elite do país, como também educar, no sentido do politicamente correto, as “almas” e, assim, impedindo qualquer crítica ao modelo que estava sendo proposto, como também reprimindo as correntes filosóficas que pudessem apontar para outras direções.

Nesse sentido, é possível entender como, na América Latina e também no Brasil, o rechaço mais forte às idéias de Husserl procede do positivismo. Nas últimas décadas do século XIX e na primeira parte do século XX, o positivismo vive, em muitos países latino-americanos, sua maior vitalidade.<sup>4</sup> Embora a luta pela independência

já suponha uma estreita aproximação com os ideais do liberalismo, a repercussão do positivismo na política, na educação e na filosofia do direito frisa sua influência não apenas na filosofia, mas também na consolidação da independência dos países latino-americanos. Trata-se, pois, dos pressupostos que interferiram na configuração de um novo Estado político, ou seja, na definição de um modelo republicano e, portanto, nas políticas de modernização da maioria dos países latino-americanos.

### A república brasileira e a educação das almas

No Brasil, por exemplo, a influência do positivismo de Comte vem da metade do século XIX e seus pressupostos são a base do projeto da primeira Constituição republicana brasileira, promulgada em fevereiro de 1891.<sup>5</sup> Os ideários da república brasileira, proclamada em 1889, são, em grande parte, positivistas. A influência do positivismo de Comte transforma-se em um pressuposto básico do projeto da primeira Constituição Brasileira republicana de 1890.<sup>6</sup> Diante disso, surge um verdadeiro “apostolado positivista”, com um número de crentes bastante influentes na política brasileira.<sup>7</sup> Em palavras do próprio Silvio Romero, a formação da república representa um passo importante para colocar o país rumo ao “advento da doutrina regeneradora, segundo a infalível previsão do Fundador”.<sup>8</sup>

Na verdade, até 1920, o debate político sobre a consolidação da República caracterizou-se pelas tentativas de interpretação do positivismo. Esse debate ocorre fora do âmbito acadêmico, até porque, no Brasil, os primeiros esforços de transformação do ensino superior e a criação de universidades ocorrem a partir de 1930. O que até então são cursos superiores, configurados a partir do modelo francês das *Écoles d'Application*, onde os cursos de direito, por exemplo, estão profundamente vinculados ao positivismo francês e, mais tarde, à vertente inglesa. De fato, tal racionalismo se transformou em uma espécie de “religião”, a ponto de serem encontradas atualmente, em algumas cidades brasileiras, igrejas do racionalismo positivista.

Com relação à fenomenologia, o que se verifica na Espanha e França, no entanto, é algo completamente distinto. Não apenas Sartre, mas também Ricoeur, Merleau-Ponty, De Waelhens, Biemel, Strasser, Derrida,

<sup>2</sup> Cf. Enciclopédia *Garzanti di Filosofia*, p. 719.

<sup>3</sup> José M. de Carvalho. *A formação das almas*, p. 9.

<sup>4</sup> Cf. Eduardo D. Valdés. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*, tomo I, p. 47. Cf. También C. Beorlegui. *Historia del pensamiento filosófico latinoamericano*, p. 245 ss.

<sup>5</sup> Cf. H. Trindade. *A república positivista: teoria e prática*, p. 117.

<sup>6</sup> Cf. Hérgio Trindade. *A república positivista: teoria e prática*, p. 117.

<sup>7</sup> Cf. S. Romero. *O evolucionismo. O positivismo no Brasil*, p. LXXI.

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, p. LXXVIII.

Lyotard e outros proporcionaram uma receptividade especial às idéias de Husserl. Ricoeur foi o primeiro tradutor das *Meditaciones cartesianas* ao francês, enquanto Merleau-Ponty aprofundou as discussões sobre as *Investigaciones Lógicas y*, através da obra *Fenomenologia de la percepción*, introduzindo ao francês o conceito de *expérience vécue* ou *expérience originaire*. Entre outras coisas, essas idéias influenciaram significativamente a psicologia, de modo especial com relação à questão do corpo. Assim, Merleau-Ponty transforma a fenomenologia estática de Husserl em uma fenomenologia genética, ou seja, “não se trata apenas de colocar os objetos em uma temporalidade formal, mas de apreender sua efetiva geração na história do eu, diante de suas habilidades e operações”.<sup>9</sup>

Na Espanha, Ortega y Gasset, em 1913, perguntam-se: “Que é a fenomenologia?” e respondem, do seu jeito, a partir das considerações de Husserl.<sup>10</sup> Com isso, ele se torna conhecido e estudado, o que foi, sem dúvida, um caminho pelo qual a fenomenologia conseguiu chegar à América Latina, mas com restrições muito fortes.

Além do positivismo, um segundo aspecto influenciou na restrição às idéias de Husserl na América Latina: o marxismo e o anarquismo. Esses dois movimentos são introduzidos, no final do século XIX, com os “imigrantes comuneiros ou outros exilados”.<sup>11</sup> Na verdade, a abolição da escravidão abriu o caminho para a formação de uma classe operária de manufaturas e industrial, transformando, pouco a pouco, as relações de trabalho nas fazendas, no campesinato e, com maior rapidez, nas cidades. Embora sua mestiçagem com outras correntes, o socialismo e inclusive o marxismo assumem ares latino-americanos, através da “adoção de categorias, de temas ou de projetos”, perfilando, assim, uma “teorização socialista”, seja em torno de temas relacionados com o indigenista ou, então, à propriedade da terra.<sup>12</sup> Muito mais tarde, nos anos 70-80 do século XX, a esquerda brasileira adere ao neomarxismo de Althusser e Gramsci y, procurando justificar sua militância política.

Esses aspectos evidenciam a diferença que a filosofia e a própria fenomenologia receberam em alguns países da Europa e na América Latina. Aqui, o interesse pela fenomenologia torna-se mais evidente com a

filosofia da libertação, através, especialmente, das obras de Levinas e de sua influência em alguns filósofos latino-americanos.<sup>13</sup> Em razão disso, existem, atualmente, importantes pesquisas sobre o pensamento desse autor e que, de uma forma ou de outra, remetem à obra de Husserl, tanto no seu aspecto crítico como na tentativa de procurar re-interpretar o nosso tempo a partir do contexto latino-americano.

Essas considerações não têm a intenção de introduzir uma história da fenomenologia na América Latina ou no Brasil. Na verdade, pretende-se salientar, além da recusa do positivismo, a preocupação com o tema do *Lebenswelt*. Nesse sentido, a obra da professora argentina Alcira B. Bonilla, *Mundo de la vida: mundo de la historia* (1987), é muito importante. No Brasil, Ernildo Stein estudou o tema a partir de Heidegger.<sup>14</sup> A conferência de Husserl sobre *La filosofía en la crisis de la humanidad europea aparece publicada apenas* em 1996.<sup>15</sup>

Por isso, a re-interpretação da crítica de Husserl não se limita à descrição das estruturas de um mundo da vida em um contexto de mudança. Essa é a intenção do meu trabalho, centrando a reflexão, por um lado, na crítica de Husserl ao cientificismo e, por outro, buscando identificar os diferentes “mundos” da vida e, ainda, procurando estabelecer a relação entre Husserl e Habermas.<sup>16</sup> Nessa obra, parece-me que o prefácio de Ricardo Salas destaca alguns aspectos importantes em relação ao pensamento de Husserl e à fenomenologia. Trata-se, pois, de uma tentativa de estudar a diversidade de conceitos de *Lebenswelt* e, além disso, procurar entender também como Habermas - 30 anos mais tarde - incorpora ao seu pensamento esse conceito, assumindo, desde o princípio, a idéia de filosofia como crítica. Como guardador de lugar e intérprete, a filosofia não pode se reduzir em movimento filosófico ou se restringir a uma determinada corrente. O apelo à crítica decorre de dois motivos essenciais: a) da necessidade de diálogo com os demais saberes; e b) da exigência de a filosofia ocupar seu lugar específico como presença ativa, como intérprete do seu tempo.

Por isso, a crítica significa também a denúncia do engessamento que o positivismo proporcionou e de como essa alternativa significou um prejuízo muito grande para a filosofia no Brasil. Em outras palavras, a influência do positivismo trouxe grandes embaraços

<sup>9</sup> J. Cabrera. *Margens da filosofia da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem*. p. 127.

<sup>10</sup> J. San Martín. La fenomenología como estilo de pensamiento. In: J. Muguerza e P. Cerezo. *La filosofía hoy*. p. 77.

<sup>11</sup> Eduardo D. Valdés. Op. Cit., p. 57.

<sup>12</sup> Idem, p. 127.

<sup>13</sup> Cf. C. Beorlegui. *Historia del pensamiento filosófico latinoamericano*, p. 23.

<sup>14</sup> Cf. E. Stein. *Mundo vivido. Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia*, EDIPUCRS, 2004.

<sup>15</sup> Cf. E. Husserl. *A crise da humanidade européia e a filosofia*, EDIPUCRS, 2002.

<sup>16</sup> Cf. J. Pizzi. *El mundo de la vida. Husserl y Habermas*. Santiago do Chile, 2005. A tradução ao português foi publicada pela editora da Unijuí, 2006.

para a reflexão crítica, a ponto de ser considerada como um pensamento alheio e prejudicial ao desenvolvimento da democracia, à educação e à formação da cidadania. Na verdade, a passagem para a república representou muito mais a luta entre correntes do que uma preocupação com a democratização e o desenvolvimento social do país.

Essa idéia salienta a necessidade do resgate de nossa história. Não poucas vezes permanecemos paralisados diante do progresso das ciências, da velocidade das informações, da realidade virtual, enfim, de passos agigantados de uma mundialização economicamente desgarrada, estratificada e nada pacifista. Com esse resgate, é possível restaurar os distintos mundos e organizar social e politicamente um projeto orgânico e coerente com as aspirações de todas as gentes, sem perder nunca a idéia de uma humanidade mais solidária. Trata-se, portanto, de ressaltar os interesses vitais de uma racionalidade concreta, que se compreende na história e na pluralidade das experiências concretas e verdadeiras. Sem dúvida, o *Lebenswelt* representa abertura ao diferente. Isso significa encontrar um ponto de partida para a configuração de uma filosofia que é, ao mesmo tempo, universalista e particularista, sem separar o sentido da vida entre desenvolvimento e bem viver, entre realidade e ficção, entre o fáctico e o contrafáctico, ou o que temos e o que desejamos.

### Referências

- BEORLEGUI, C. **Historia del pensamiento filosófico latinoamericano**. Bilbao: Universidade de Deusto, 2004.
- CABRERA, J. **Margens da filosofia da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem**.
- CARVALHO, José M. de. **A formação das almas. O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ENCICLOPEDIA **Garzanti di Filosofia**. Milão: Garzanti Editora, 1981.
- HUSSERL, E. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. 2 ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PIZZI, J. **El mundo de la vida**. Husserl y Habermas. Santiago do Chile: Ediciones de la Universidad Silva Henríquez, 2005.
- PIZZI, J. **O mundo da vida**. Husserl e Habermas. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- ROMERO, S. **O evolucionismo. O positivismo no Brasil**. 2 ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Clássica de Alves & C, 1895.
- SAN MARTÍN, J. **La fenomenología como estilo de pensamiento**. In: J. MUGUERZA e P. CERESO. **La filosofía hoy**. Barcelona: Crítica, 2000.
- STEIN, E. **Mundo vivido. Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- TRINDADE, H. **A república positivista: teoria e prática**. In: H. TRINDADE. **O positivismo. Teoria e prática**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1999.
- VALDÉS, Eduardo D. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX**. Buenos Aires: Editora Biblos, 2004.